

## **APROPRIAÇÃO E COMPREENSÃO DE UM CONTO DE SARAMAGO: A MAIOR FLOR DO MUNDO**

**Maria Antónia Jardim**

Professora Associada

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

[mjardim@ufp.edu.pt](mailto:mjardim@ufp.edu.pt)

**Marilene Barbosa**

Aluna da Licenciatura em Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

[18992@ufp.edu.pt](mailto:18992@ufp.edu.pt)

**RESUMO**

Numa intersecção entre a Psicologia e a Psicologia da Educação, o conto de José Saramago intitulado *A maior flor do mundo* é analisado numa perspectiva hermenêutica, relacionando o texto com aspectos como a cognição, a moralidade e as pulsões. A ideia é promover uma compreensão melhor da obra assim como dar oportunidade para uma melhor compreensão pessoal, uma apropriação e avaliação do mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Literatura, infantil, hermenêutica, imaginação, psicanálise, psicologia, educação

**ABSTRACT**

This article links Psychology to Education through the story of José Saramago entitled *The Biggest Flower in the Whole World*. Hermeneutics of narrative is applied connecting the text with cognition aspects, as well as moral ones. The idea is to develop a better understanding of the work as well as to encourage a self-development as far as evaluation of the self is concerned.

**KEYWORDS**

Literature, hermeneutics, imagination, psychoanalysis, psychology, education

## 1. LITERATURA INFANTIL E A ESCRITA

Não só a escrita potenciou o desenvolvimento da Literatura, como a Literatura é fundamental para o processo de aquisição da escrita que por sua vez está directamente relacionado com o processo de leitura.

Como as histórias exercem fascínio em crianças de diversas idades, culturas e religiões, a literatura infantil acaba por ter um papel determinante na aquisição da escrita e leitura. Entre muitos estudiosos destaca-se as considerações de Vygotsky. Este autor ressalta a importância do meio, como interacção do indivíduo com o mundo (processo interpessoal) para a formação do indivíduo, enfatizando o papel da linguagem para que a criança perceba o sistema simbólico-linguístico, processo intrapessoal. Este sistema é assimilado pela criança que tem papel activo em todo o processo. Ouvir, ver, raciocinar, transformar, formular hipóteses são processos contínuos entre a criança e seus interlocutores, isto inclui desde os diálogos quotidianos até à interacção directa com a leitura ou indirecta quando a criança assume o papel apenas de ouvinte. Nessas condições, é apenas uma questão de tempo até a criança reproduzir o sistema de comunicação oral e gráfica das pessoas com quem se relaciona.

Durante o contacto da criança com os sinais gráficos, há uma evolução gradual e sequenciada em nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Essa aquisição por nível retoma a ideia de Piaget na qual afirma que a aquisição de competências está relacionada com a maturação através da superação de estágios de desenvolvimento. Portanto, seguindo Vygotsky e as interacções sociais ou seguindo Piaget e maturação individual, a literatura exerce papel de relevo na aquisição da escrita.

### 1.1. LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

No contexto da Educação, a Literatura Infantil pode ser abordada por duas vertentes: instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e instrumento de alfabetização. Embora o ideal para a formação do indivíduo seja que essas vertentes interliguem-se.

No sistema linguístico saussureano encontra-se o significante, o conceito, e o significado, a imagem acústica atribuída ao conceito. Então, para que uma criança aprenda a ler é importante a formação de conceitos, bem como a atribuição de significação. Esse significado vai variar conforme as relações interpessoais da criança.

A leitura do mundo é anterior a leitura da palavra e a leitura desta palavra implica a continuidade da leitura do mundo. Além disso, ler o mundo é reinterpretá-lo através de uma prática consciente. Nessa perspectiva, a leitura é maior que um decifração de signos e sons. É na verdade uma formação individual, logo é mais do que um instrumento de desenvolvimento de aprendizagem, é mais do que um instrumento de alfabetização.

Ler um livro pode ser extremamente significativo. A leitura tem um papel formador da personalidade tanto para aspectos positivos como negativos e permite a reconstrução da identidade. Entretanto, assim como o texto reinventa o mundo real, o mundo real apodera-se do texto. Quem nunca se deixou influenciar por uma personagem ou viu em si o reflexo de um herói ou vilão? Muitos personagens são ícones, saltam das páginas e passam a fazer parte

do nosso imaginário, impregnando muitas vezes o nosso discurso: “Bela Adormecida, está na hora de ir para a escola” ou “Trabalho como uma gata Borrallheira” (Jardim) são apenas alguns exemplos.

## 2. A MAIOR FLOR DO MUNDO EM ANÁLISE

No ano 2001, o renomado autor português e prémio Nobel de Literatura, decidiu pela primeira vez publicar uma história para criança. *A maior flor do mundo* é um livro ilustrado por João Caetano que conta uma história na qual o narrador inicia o texto com um diálogo com o leitor. Saramago, em uma conversa aberta com o leitor, explica a importante questão da adaptação linguística do texto à idade cognitiva, fala honestamente sobre as suas dificuldades em escrever e reconhece sua pouca capacidade de penetrar no mundo infantil. Como o autor mesmo afirma, é uma história simples sobre um menino de uma pequena aldeia que faz um grande gesto e é tomado como herói. *A maior flor do mundo* é uma hipérbole devido ao exagero, mas é uma metáfora de associação entre o objecto da flor e uma acção humana.

O destaque desta história é mesmo o seu final que não é válido apenas para crianças, pois não é todo dia que uma pessoa tão renomada reconhece a imperfeição de sua obra.

### 2.1. IMAGINAÇÃO

Vygotsky defendeu que o desenvolvimento humano se dá através de aspectos sócio-histórico-culturalise da vertente biológica. Embora acredite que esta assume maior destaque em relação àquela. Nessa perspectiva, descreve a actividade criadora, criatividade, como algo novo, resultado de reflexos do mundo exterior ou associada a determinadas construções do cérebro ou sentimentos, vindo a se manifestar apenas no ser humano. Na conduta humana, há o impulso reprodutor, relacionado com amemória o que signifique nada de novo é gerado, apenas reproduzido e há também o impulso criador, associado à fantasia e à imaginação. Afinal, conclui o autor que o cérebro não é apenas reprodutor de memórias. A imaginação é a base criadora que possibilita o desenvolvimento de acções sociais, artísticas, científicas e técnicas. Segundo Vygotsky, a imaginação está associada à realidade através da riqueza acumulada da experiência humana, através do enriquecimento social, por meio de relatos escritos ou narrados que juntamente coma fantasia expandem o conteúdo, através da emoção (há uma reciprocidade entre emoção e imaginação) e através da ideia materializada, a criação.

Na obra em análise, a imaginação não foi obstáculo para a criação. O item em falta entre a ideia criadora e criação foi descrito no texto como “... pelo menos a falta de paciência” do narrador. O autor explica sua incapacidade de materializar a ideia criadora, pois convence-se de que a vaidade o levou “... a pensar que a minha história seria a mais linda de todas...”

A ideia de Saramago vem de encontro à ideia de interacção da criança com o meio, com a descoberta ou logo na primeira página não acontecia a expedição em que “... sai o menino pelos fundos do quintal, e, de árvore em árvore, como um pintassilgo, desce o rio...” e “... dali em diante começa o planeta Marte”. Essa acção mostra a descoberta, os estímulos constantes que a criança procura para alimentar a imaginação.

Quando Saramago lamenta a sua incapacidade de ser bem sucedido na escrita para crianças, está na verdade revisando a teoria da mente que é a maneira como cada indivíduo sente e como entende a mente dos outros. Recentemente, nos Estados Unidos, 90 livros infantis foram analisados com base nas referências voltadas para os estados mentais. Essa análise considerou as palavras e expressões, as ilustrações e situações irônicas e foi constatado que os livros apresentam uma alta proporção de referências textuais para os estados mentais, embora as ilustrações isoladas do texto não representem os conceitos dos estados mentais, sendo fundamental o conjunto texto-ilustração. Em *A maior flor do mundo*, as ilustrações são desfocadas talvez numa necessidade de dar movimento até mesmo ao que está parado.

Numa das ilustrações o narrador está em primeiro plano, mas apresenta detalhes como uma pequena fada que sobrevoa Saramago, interpretada aqui como a criatividade, a luz lateral que pode ser a inspiração, uma coleção de livros enciclopédicos que podem representar as pesquisas do autor, livros infantis na prateleira que podem ser referências textuais como “Gnomos e duendes” e “A ilha do tesouro” e o mais importante que são as personagens que saltam dos livros, o que pode representar a necessidade de dar vida às personagens no imaginário infantil.

A grande ironia da história está numa interlocução entre o narrador e o leitor. Um especialista da escrita que não sabe escrever. A escrita para criança deve ser ajustada à mesma, diferenciando-se bastante da escrita para adultos “... porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas;” e note-se um incentivo fundamental aos leitores em “Quem sabe um dia virei a ler outra história, escrita por ti que me lês, mas muito mais bonita?..”

Outro aspecto cognitivo bastante importante no livro, agora referente a personagem do texto, é a capacidade de tomada de decisão da criança. No trecho “Dali para diante, para o nosso menino, será só uma pergunta: “Vou ou não vou?” o narrador mostra a simplicidade do raciocínio infantil. A teoria da tomada de decisão afirma que o indivíduo deve analisar a situação e decidir com base no seu conhecimento, tendo 50% de possibilidade para cada premissa antes desta análise (Anderson) A criança então toma sua decisão pela aventura com uma razão de quem ainda não consegue ver bem suas probabilidades negativas. Assim, vence a diversão, prevalece o raciocínio indutivo no qual a criança chega a determinada conclusão que é provável, mas não é certa (Anderson).

## 2.2. MORALIDADE

A visão introduzida por Jean Piaget procurou descrever o desenvolvimento humano, mas interessou-se pelo processo em si, não pela relação com outros factores determinantes como a relação social. A estrutura da inteligência, então foi vista como responsável pela organização das condutas e a afectividade como reguladora de interesses, havendo uma forte conexão entre esses dois factores. Assim, a maturação da inteligência leva a uma maturação afectiva. Piaget interessou-se também pelo desenvolvimento moral, pois assumiu a moralidade como o campo de desenvolvimento no qual as relações entre afectividade e inteligência são muito importantes e organizou a moralidade em duas categorias: a moral heterónima (quando a criança ainda não percebe as consequências dos seus actos e o bom comportamento é aquele que não é punido por um adulto) e a moral autónoma (quando a criança já constrói regras próprias e são flexíveis de acordo com as situações) que estão

relacionadas com o desenvolvimento geral de acordo com os estágios de maturação (Lima-Santos e Toldy).

Kohlberg também se interessou pelo estudo da moralidade e elaborou histórias com situações específicas de conflito moral para que os leitores assumissem uma posição em relação a acção das personagens (Jardim). Como resultado de um extenso trabalho definiu seis estágios de desenvolvimento do raciocínio moral organizados em três grandes grupos: moral pré-convencional, moral convencional e moral pós-convencional. Cada grupo engloba dois estágios. Assim, a moral pré-convencional em seu primeiro estágio refere-se ao indivíduo que obedece as normas para evitar as punições e, no segundo estágio, é referente ao indivíduo que considera primeiramente suas necessidades e só considera as necessidades dos outros se for conveniente para si mesmo. A moral convencional, no terceiro estágio kohlbergiano, refere-se as pessoas que respeitam as normas apenas pela aceitação social e, no quarto estágio, refere-se as pessoas que preocupam-se com a ordem da sociedade e a manutenção das regras sociais. A moral pós-convencional define no quinto estágio pessoas que regulam-se no princípio democrático, a sociedade decide o que é correcto. O último estágio abrange uma minoria da população em geral. No sexto estágio as pessoas regulam-se pelos princípios de justiça, igualdade e dignidade que são maiores que qualquer lei (Lima-

-Santos e Toldy).

As ideias de Kohlberg convergem com as ideias de Ricoeur. Este afirma que cada pessoa deve usar a imaginação como criadora de nova consciência e, da leitura surge a auto-interpretção, a auto-avaliação o que, conseqüentemente leva aos objectivos kohlbergianos (Jardim).

As histórias infantis estão normalmente impregnadas de valores morais, principalmente as fábulas. A ideia é transmitir valores para que sejam assimilados e reproduzidos pela criança. Saramago reforça a moralidade quando sua personagem "... achou que tinha que salvar a flor," não na expectativa de uma recompensa, nem por consciência de uma punição, nem para ser visto por outros, nem porque era determinado na lei, simplesmente porque era o correcto. Assim, a personagem pode "... fazer uma coisa que era maior do que o seu tamanho e do que o tamanho de todos os tamanhos". É uma criança no sexto estágio de moralidade de Kohlberg que respeita a vida acima de tudo.

### 3. PSICANÁLISE DA LITERATURA

Várias análises psicanalíticas já foram elaboradas para diversas obras infantis. Dessas análises resultaram afirmações que relacionam os contos com itens explorados na psicanálise. Como exemplo pode-se citar "O patinho feio" relacionado com as primeiras angústias de separação e desamparo infantil, "Capuchinho vermelho" e "Os três porquinhos" com a curiosidade sexual infantil, a oralidade e a sedução por um adulto, a "Bela adormecida" com a fase de latência no desenvolvimento e o "Pinóquio" com a busca de identidade autónoma.

A psicanálise relaciona-se com os textos porque é necessário o reconhecimento de símbolos como uma relação entre a regressão e progressão. Os símbolos evocam fases da vida, ou

seja, uma constante regressão assim como exploram o presente e possibilitam uma visão do que pode vir a ser no futuro (Jardim).

No texto em análise, a questão psicanalítica não está à superfície porque se trata de um enredo muito simples de uma interpretação muito aberta. A relação com a teoria psicanalítica é estabelecida apenas na noção de morte quando a criança encontra a flor, "... tão caída, tão murcha" que o superego vem à tona e buscando os valores morais desencadeia a pulsão de vida, então a criança faz "... cem mil viagens a lua..." para salvar a flor. A moralidade é vista na psicanálise de forma distinta da visão piagetiana, pois ocorre com a formação do Superego através da interiorização das normas.

A ideia narcisista do autor também é expressada pela sua vaidade quando pretende criar a melhor história de todas para, intrinsecamente, recompensar o seu Ego.

#### 4. HERMENÊUTICA DA NARRATIVA

As várias análises realizadas aqui com a obra de Saramago permitem um envolvimento maior com o texto e, conseqüentemente, uma nova forma de leitura tanto nas linhas como nas entrelinhas. Segundo Ricoeur, a interpretação está entre a linguagem e a vida vivenciada por meio de conceitos interpretativos como o distanciamento, a apropriação, a explicação e a compreensão (Jardim). O distanciamento permite que o texto desprenda-se da intenção do autor e do objectivo inicial proposto para que receba vida própria nas mãos de outrem. Neste momento, surge a apropriação que é justamente a tomada do significado do texto num exercício cognitivo que é a transformação do novo em algo familiar para melhor compreensão, numa espécie de categorização mental e sentimento de pertença. Entretanto, o leitor vive da apropriação de desapropriação constante de acordo com sua compreensão da realidade. Assim, a acção de "apropriar" ocorre quando o leitor auto-questiona-se e toma consciência do seu lugar no mundo, percebendo suas fragilidades e potencialidades. O texto explica a acção humana e a compreensão do mesmo depende da compreensão subjectiva de si mesmo diante destas acções (Jardim).

O texto de Saramago é paradoxalmente simples e complexo. A simplicidade está na história em si. A complexidade está na filosofia de uma narrativa sem grandes pretensões, sem grande enredo e sem grande trama que num acto de apropriação particular desta análise tem o objectivo de mostrar a todos que não precisa ser grande autor para escrever para crianças. Pode-se afirmar então que é uma obra infantil para todas as idades. A real filosofia do texto é interpretada como a necessidade de incentivar as crianças a tornarem-se novos autores.

A Literatura está repleta de Psicologia. É a forma de pensar reflectida no papel, são as acções humanas reinventadas, é a transmissão de valores. A Literatura Infantil exerce a mesma função com a particularidade de ter que ser pensada como criança para reflectir acções de gente adulta.

Os textos são fundamentais para aquisição de muitas habilidades, não só a escrita, não só a leitura. São importantes para o conhecimento do mundo, são fundamentais para o conhecimento humano e para o auto-conhecimento.

Escrever para crianças não é um exercício simples. São necessárias muitas regressões e progressões numa hermenêutica consciente e inconsciente. É obrigatória a compreensão dos estados da mente, pois o autor precisa sair de si para encontrar a forma de raciocínio infantil, assim como a criança precisa sair de si para compreender a acção da narrativa como uma acção real. Quanto mais revisada a obra de Saramago mais intrigante a metáfora do texto. Será um texto feito por um adulto para crianças, ou será um texto feito por um adulto para adultos-criança? *A maior flor do mundo*, como metáfora, é vida, é moral, é boa acção, é simplicidade da acção do mundo, são os grandes pequenos gestos do dia-a-dia.

## BIBLIOGRAFIA

Anderson, J. *Psicologia cognitiva e suas implicações experimentais*. Trad. Dalton Conde de Alencar. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 2004.

Fino, C. "Vygotsky e a Zona De Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas". *Revista Portuguesa de Educação* 14.2 (2001). Internet. 29 Out. 2009. <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37414212.pdf>>.

Jardim, M. *Da hermenêutica à ética em Paul Ricoeur*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

Lima-Santos, N., e Toldy, Teresa. "Lugar da ética na formação dos estudantes de Psicologia". *Revista da UFP*. 4 (1999): 191-99.